

A vida contra o aborto



Dez perguntas e respostas sobre a
origem da vida e a natureza do embrião

A VIDA CONTRA O ABORTO

Dez perguntas e respostas sobre a origem
da vida e a natureza do embrião

*“Pouca ciência afasta de Deus.
Muita, a ele reconduz.”*
(Louis Pasteur)

APRESENTAÇÃO

Esta é uma contribuição do pensamento médico-espírita ao tema do aborto intencional.

De início, ressaltamos que nossos principais argumentos não são religiosos, mas estão ancorados na ciência. Aliás, devemos acentuar que a ciência não é religiosa nem atéia, e que, ao contrário do que se imagina, boa parte dos cientistas acredita na existência de um Ser Supremo.

Queremos também reafirmar que somos pacíficos. Nosso pendor não é para contendas, por isso, vamos nos manter à margem das batalhas radicais que costumam envolver grupos extremistas pró e contra o aborto, preferindo o livre e saudável debate das idéias, com pleno respeito às convicções alheias.

O que se precisa acentuar é que, se é legítimo trazer à baila argumentos religiosos para contra-arrestar argumentos

materialistas, os médicos que se dispõem a lutar pela vida podem, até mesmo, deixar à margem suas crenças pessoais para demonstrar por meio de argumentos científicos, e não de suposições, que a vida não só é um bem indisponível, mas que há vida indisponível no feto. Consideramos esta uma questão básica em todas as questões bioéticas.

O pluralismo democrático diz respeito à convivência de opiniões, comportamentos e posições ideológicas distintas no seio de uma comunidade, porém não à prática de delitos em seu nome.

Nosso ponto de partida é: a vida é um bem indisponível. A defesa dessa tese, no caso do tema do aborto, leva à seguinte questão: “Onde começa a vida?” Para resolvê-la, é indispensável todo o concurso que a Ciência puder nos oferecer, ainda que ela não tenha as respostas a todos os quesitos. Sendo a vida um bem inalienável, atentar-se contra ela, seja em que fase for, é crime. Além disso, sendo possível demonstrar que o embrião tem vida, não haveria heresia maior do que se considerar o aborto um direito da mulher. Cairia, automaticamente, por terra, sua propalada autonomia para decidir quanto à interrupção da gravidez.

A nosso ver, as consciências humanas têm um compromisso fundamental com a verdade, por isso devem mergulhar fundo no estudo do extraordinário fenômeno da vida, em busca do seu real significado, sem aceitar o raciocínio dogmático reducionista, que tenta encarcerá-lo num mero jogo de pala-

vras, ao invés de discutir as inúmeras incógnitas para as quais o materialismo não tem respostas.

Inserimos, aqui, de forma resumida, as pesquisas e descobertas da Ciência no que diz respeito à vida e ao seu significado.

RAZÕES CIENTÍFICAS CONTRA O ABORTO

O Dr. Bernard N. Nathanson, em conferência proferida no “Colégio Médico de Madrid”, publicada na revista *Fuerza Nueva*, contou que, em 1971, assumiu a direção da maior clínica de aborto do mundo, o Centro de Saúde Sexual (CRANCH), situado ao leste de Nova York, onde atuavam 35 médicos e eram realizados 120 abortos diários, inclusive aos domingos e feriados, com interrupção apenas no dia de Natal. Até 1972, quando deixou a direção da Clínica, 60.000 abortos haviam sido realizados sob suas ordens, 5.000 deles feitos por ele, pessoalmente.

Na prática, Nathanson constatou que as estatísticas divulgadas pelos militantes pró-aborto eram falsas. Eles aumentavam, deliberadamente, o número de abortos intencionais praticados na clandestinidade, com a finalidade de justificar a necessidade de uma legislação favorável, no entanto, foi a legalização que escancarou as portas para o aumento exagerado dessa prática.

Na clínica, tudo parecia transcorrer bem, os problemas de profundidade, porém, eram muitos e pouco comentados. Em reuniões informais, Nathanson ficou sabendo, por relatos das esposas dos médicos, que muitos deles sofriam pesadelos durante a noite, acordavam gritando, referindo-se a sangue e a corpos de crianças cortados; outros bebiam demasiadamente ou abusavam de drogas pesadas, tendo necessidade de assistência psiquiátrica. Com as enfermeiras, a situação não era diferente, algumas abandonaram a clínica chorando, outras se tornaram alcoólatras.

Em 1972, Nathanson deixou a clínica para assumir o cargo de Diretor do Serviço de Obstetrícia do Hospital São Lucas de Nova York, onde implantou o serviço de Medicina Fetal que realiza cerca de 50 tipos de cirurgia no interior do útero, com a finalidade de salvar e favorecer a vida do feto. Esta prática convenceu-o de que o feto é um ser humano, com todas as suas características, que deve desfrutar de *“todos os privilégios e vantagens como qualquer outro cidadão”*. Está convencido de que aborto é *“ato deliberado de destruição, um crime”*.

Steve Jones, professor de genética da University College de Londres e diretor do Galton Laboratory, afirma que *“anualmente, em todo o mundo, há cerca de noventa milhões de nascimentos e sessenta milhões de abortos provocados”*. É possível que estas cifras não sejam confiáveis no que concerne aos países onde o aborto é ilegal, dada a possibilidade de serem manipuladas por entidades militantes pró-aborto, de qualquer modo,

porém, já são suficientemente assustadoras nos países onde a prática é legalizada para serem consideradas nesta discussão.

Jones lamenta que, na maioria das vezes, o especialista só se restrinja a um tipo de conduta, o de detectar um gene danificado e propor aos pais o aborto de um feto deficiente. Para ele, há um “quê” de deprimente nesta conduta.¹

Creemos, porém, que não basta lamentar, confinando-se às acesas controvérsias dentro das comunidades científicas. É preciso sair a campo e discutir com a sociedade dentro de normas que respeitem verdadeiramente o pluralismo, permitindo aos especialistas espiritualistas a livre expressão de suas idéias, sem serem constringidos ao jugo do silêncio pelo patrulhamento agressivo dos reducionistas materialistas, como acontece atualmente.

Assim, para sermos fiéis à verdade e discutirmos, sem as amarras obliterantes de preconceitos, a complexa e multifacetada questão dos direitos do embrião, é indispensável analisarmos os argumentos científicos contrários ao aborto. O primeiro passo nessa busca é a descoberta do verdadeiro significado do zigoto ou da célula-ovo à luz das Ciências da Vida. Afinal, ela carrega nossa herança de bilhões de anos de evolução.

É impossível, portanto, falar de dignidade humana sem conhecê-la. É o que procuraremos fazer a seguir, tendo como roteiro algumas das perguntas mais freqüentes nos debates sobre o aborto provocado.

1. Seria o embrião um mero “amontoado de células”?

A célula-ovo é a nossa primeira morada. O desenvolvimento humano é um processo contínuo que começa quando o óvulo de uma mulher é fertilizado por um espermatozóide de um homem. Assim, uma única célula, o zigoto (célula-ovo), após muitas modificações, transforma-se em um ser humano multicelular.

Moore e Persaud, ilustres embriologistas, afirmam que o zigoto e o embrião inicial são organismos humanos vivos, nos quais já estão fixadas todas as bases do indivíduo adulto. Sendo assim, não é possível interromper algum ponto do *continuum* – zigoto, feto, criança, adulto, velho – sem causar danos irreversíveis ao bem maior, que é a própria vida.

Com base nesta verdade científica, os grandes mestres, figuras notáveis da obstetrícia brasileira, Álvaro Guimarães Filho, Domingos Delascio, Ciro Ciari Jr., e Francisco Cerrutti, fizeram uma declaração conjunta: “*Abortamento induzido significa a eliminação de uma pessoa biologicamente viva*”.

Vemos, assim, que a célula-ovo surge no processo de concepção ou fertilização, no instante em que se fundem os dois gametas – o espermatozóide e o óvulo. No início, mede cerca de 130 micrômetros (medida dimensional histológica), um mês depois, porém, já terá um aumento de massa de dez mil vezes. Em nenhum momento da história humana, de qualquer indivíduo, esta velocidade de crescimento se repetirá.

Embora a Embriologia já tenha definido como certo ser o embrião inicial um organismo humano vivo, há os que insistem em reduzi-lo à condição de um “amontoado de células”, uma “coisa”, um “objeto”, totalmente dependente do organismo materno, removível a qualquer tempo. Com tal espécie de premissa, alienada da realidade fática, reduzem o extraordinário fenômeno da vida a um evento banal, destituído de importância.

Não é isso, no entanto, o que as pesquisas científicas revelam.

Erwin Schrödinger, um dos pais da física quântica e grande incentivador do desenvolvimento da Biologia, ressalta que *“todo o padrão tetradimensional é determinado pela estrutura daquela única célula: o ovo fertilizado.”*² chamando a atenção para o potencial extraordinário da célula-ovo, que encerra em si mesma todo o projeto de um novo ser e é capaz de construir um organismo adulto, com toda a sua complexidade.

2. Podem os genes determinar completamente o desenvolvimento humano?

Na verdade, a célula-ovo é a testemunha silenciosa e eloqüente de cerca de três bilhões e 800 milhões de anos de nossa evolução biológica, um primor de sofisticação e complexidade; possui DNA característico, rico quimismo celular, e uma extraordinária capacidade de materializar energia.

A filogênese, a longa saga multimilenar da evolução das espécies, construiu e burilou os genes, moléculas helicoidais de ADN (ou DNA – ácido desoxirribonucleico), para que fossem perenes e tivessem um grau de complexidade crescente. Eles fazem parte do núcleo da célula e contêm toda a herança do indivíduo.

Richard Dawkins ressaltou que:³ “os genes, como os diamantes, são para sempre”, mas exagerou a importância deles na explicação da diversidade humana.

Com o término da primeira fase do Projeto Genoma, esse papel determinante não se confirmou. Constatou-se que o genoma humano tem cerca de 25 mil genes, se tanto, bem menos do que os 100 mil esperados. Os nossos genes, por exemplo, são 98,4% idênticos aos dos chimpanzés, mas a diferença é menor ainda, na verdade, algo em torno de 0,16%, tendo em vista que 90% dos genes não têm papel codificante. Quais seriam, então, os genes que fazem a diferença? E por que tão vasta? Afinal de contas, o nosso genoma tem apenas cerca de 300 genes a mais do que um rato.

A conclusão é que os genes não explicam o nosso jeito de ser, a inventividade que nos leva à comunicação por meio da linguagem falada e de textos de livros; o fato de termos consciência de passado, presente e futuro; de sermos dependentes de ferramentas e máquinas para sobreviver; de fazermos e apreciarmos arte; e também de utilizarmos nossa engenhosidade para destruir populações inteiras, abusar de drogas que levam

à dependência; sentirmos prazer em torturar-nos uns aos outros e dizirmos centenas de animais de outras espécies.⁴

O fim da primeira fase do Projeto Genoma deu-nos a certeza de que temos de buscar respostas à diversidade humana em outra parte que não seja nos genes.

Há os que têm convicção de que a ciência um dia explicará todos esses fenômenos complexos, pela “via natural”, sem necessidade de recorrer à interferência divina ou a alguma estrutura imaterial no ser vivo, mantendo-se rígidos no paradigma materialista reducionista. Outros, cientistas, porém, pensam diferentemente. É o caso de Rupert Sheldrake, biólogo e pesquisador inglês. Ele crê que os sistemas vivos são por demais complexos, porque estão baseados em informação altamente eficiente, oriunda de um campo imaterial estruturador da forma – o campo mórfico ou morfogenético – que seria o responsável pela formação do ser.⁵ No Brasil, o dr. Hernani Guimarães Andrade,⁶ ilustre presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisa Psicobiofísicas, falecido em 2003, chama esse campo de modelo organizador biológico.

Como vemos, a formação de um ser vivo ainda é um mistério para a ciência. Está repleta de complexidade e fatos inexplicáveis. Desde o início, a gestação desenvolve-se como uma verdadeira sinfonia sob a batuta de um maestro desconhecido. Há uma perfeita coordenação de movimentos, que leva à clivagem (divisão das células), nidação na cavidade uterina, à formação da placenta e do líquido amniótico, e à

continuidade do desenvolvimento fetal, sob a chancela de centenas de enzimas e hormônios, que funcionam harmonicamente na ligação materno-fetal.

Não há explicação científica para os processos reguladores dos embriões, sua capacidade de produzir tecidos e órgãos tridimensionais a partir das seqüências unidimensionais existentes nas bases que estruturam os genes.

Enfim, a ciência ainda não explica como se chega a um bebê tridimensional, partindo de uma única célula unidimensional. Do mesmo modo, a ciência não explica, por que as células de um organismo, portadoras de núcleos com a mesma carga genética, são tão diferentes entre si, com formas e funções tão diversificadas e extremamente especializadas, quanto o são, por exemplo, os neurônios, os hepatócitos, as células do sangue etc.⁷

3. É o feto inteiramente dependente do organismo materno?

Os defensores do aborto ressaltam a autonomia da mulher, defendendo um pseudodireito de escolher quanto à interrupção da gestação. Para estes o feto não teria personalidade e estaria em total dependência do organismo materno.

Esses argumentos são contestados pela pesquisa científica. Claude Sureau, professor emérito da universidade Paris V, questiona esse pseudodireito soberano, que se pretende conferir à mãe, de decidir sobre a vida do filho em gestação, atribu-

indo a ela toda “competência” e “autonomia” sem levar em consideração um outro direito primordial, inerente a todo ser humano, o da “indisponibilidade” da vida.⁸

Estudos científicos demonstram que há uma individualidade embriofetal muito nítida, tanto imunológica quanto psicológica, que pode ser acompanhada, desde muito cedo, por meio da ultra-sonografia. Na realidade, há até mesmo um conflito de interesses materno-fetais, o que prova a personalidade distinta do feto. Por ser um corpo estranho no organismo materno, ele tem de lutar para manter-se vivo, para não ser rejeitado.

Estudo recente realizado pela equipe do prof. Andrew L. Mellor, do Medical College, Georgia, EUA, publicado na conceituada revista *Nature* (27/8/98), mostrou que há um mecanismo bioquímico de defesa do feto que procura driblar o da mãe. Ele produziria uma enzima, a IDO, que procuraria neutralizar a ação do triptofano, aminoácido responsável pela produção de células de defesa tipo T do organismo materno.

Esta pesquisa coloca em xeque, portanto, o argumento de que a mulher grávida tem o direito de decidir se o embrião deve viver ou morrer, porque este não seria um ser à parte, não teria personalidade própria. Tanto a possui que ele é detentor de um patrimônio genético exclusivo. E, desde o período inicial da gestação, extravasa a sua inteligência através da capacidade de autogerir-se mentalmente; de adaptar-se e adequar-se a situações novas; de selecionar condições e aproveitar ex-

periências, empregando aprendizado e memória. Tem, portanto, inteligência própria.

E podemos afirmar, com base na pesquisa, que é tão distinto da mãe que necessita produzir substâncias apropriadas para poder manter-se vivo, dentro do útero, fugindo do perigo de ser eliminado pelo sistema imunológico da hospedeira. E o mais interessante é que o organismo materno aceita a defesa do hóspede, concordando, tacitamente, com a gestação.

Esta luta do embrião para sobreviver dá-lhe o *status* de pessoa e demonstra que ele apenas se hospeda no organismo materno. A propalada autonomia da mãe, o seu direito de decidir, não se sustenta, portanto.

Mas há ainda muito mais certezas, quanto à verdadeira natureza do embrião, quando estudamos os novos aportes e derradeiras descobertas da ciência no campo da memória e do psiquismo fetal.

4. O feto possui uma psique própria?

A Dra. Alessandra Piontelli, psicanalista italiana, acompanhou durante vários meses, onze (11) fetos: quatro (4) gestações gemelares e três (3) singulares, a partir da 16ª semana de gravidez. Dentre as gestações gemelares, observou, através do ultra-som, 5 a 6 vezes ao mês, um caso de gêmeos dizigóticos ou bivitelinos (formados por dois ovos distintos), uma menina e um menininho. Seguindo-os por vários meses, familiarizou-se tanto com o “jeitão” deles que foi capaz de descre-

ver para a mãe qual seria o comportamento de ambos após o parto. Ao ultra-som, observou que a menina era expansiva, buscava o contato com o irmão, mas este se retraía e enfiava a cabeça na placenta ou tapava o rosto com as mãos, fugindo dela. Com base nisso, a Dra. Piontelli previu que a menina seria agitada, nervosinha, ao passo que o irmãozinho seria de temperamento retraído e acanhado. Para espanto da mãe, após o nascimento, tudo se confirmou: realmente ele era do tipo quieto e a menina fazia o gênero nervosinha, irrequieta.⁹

Com suas observações, a psicanalista aclarou muitos aspectos da personalidade dos fetos observados durante sua pesquisa, antes mesmo do nascimento. Via-os chupando o dedinho, espreguiçando-se, esfregando os pezinhos e as mãozinhas, coçando-se, enfim, aproveitando a liberdade de movimentos dentro do líquido amniótico. Cada feto apresentava um comportamento muito próprio, tinha o seu “jeito” de ser. A Dra. Piontelli assinalava o traço marcante de cada um, se era calmo, nervosinho, pensativo ou se trazia, por exemplo, a característica de uma bailarina. Ela os acompanhou não apenas durante o período pré-natal, mas também no decorrer do primeiro ano de vida e muitos até completar cinco anos. E pôde constatar que o padrão de comportamento se confirmava, em todos os casos, no decorrer do desenvolvimento.

Verificou-se que, cada feto, assim como cada recém-nascido, é um ser altamente individualizado. Não é de modo algum uma *tabula rasa*, como se poderia supor, esperando ser moldado, exclusivamente, pelo meio ambiente. Tem vida emo-

cional própria: experimenta prazer e desprazer, dor, tristeza, angústia ou bem-estar e tem um relacionamento intenso com sua mãe, sendo capaz de captar seus estados emocionais e sentir quais os sentimentos de afetividade dela em relação a ele.

Outra experiência interessante a demonstrar a existência da individualidade própria do feto foi realizada em 1982, por Anthony DeCasper, pesquisador norte-americano: ele instruiu um grupo de mulheres grávidas para que lessem, em voz alta, cinco semanas antes do parto, determinada estória infantil. Três dias após o nascimento, duas estorinhas foram lidas para os bebês: a que eles já conheciam, desde o final da gestação e uma outra desconhecida. As reações foram medidas, através do número de sucções do bebê. Verificou-se que eles sugavam, com mais freqüência, quando ouviam a estorinha conhecida.

Os problemas psicológicos ocorridos na fase pré-natal afetam a vida ultra-uterina. A Dra. Myriam Szejer, psicanalista de bebês, tem importante casuística de suas “conversas” com recém-nascidos, que demonstram o valor terapêutico delas no alívio e na solução desses conflitos. Um dos casos, relatado no seu livro *Palavras para Nascer*, é particularmente doloroso.¹⁰ Numa gravidez gemelar, havia uma malformação muito grave em uma das gêmeas. Segundo prognósticos médicos, ela poderia nascer, mas teria um curto período de sobrevivência. Como na França, onde a Dra. Szejer vive, o aborto é legal, os médicos aconselharam aos pais a interrupção *in utero* da vida do feto. Uma vez aceita a sugestão, a interrupção foi feita, tardiamente, tendo o feto morto permanecido no útero até o nasci-

mento da irmã, o que se deu, por cesariana, 15 dias depois. Mas tal como previra a Dra. Szejer, a gêmea sobrevivente, de nome Léa, teve sérios problemas, logo após o nascimento: não se alimentava e quando era amamentada à força, regurgitava sem parar, colocando em sério risco a sua vida. Os problemas eram óbvios para a psicanalista: Lea tinha atrás de si vários meses de companheirismo com a irmã gêmea, e esta, de repente, ficara inerte, desaparecendo depois, completamente, do seu contato. Foi preciso um trabalho muito intenso da Dra. Szejer, muitas “conversas” com Lea, até que a recém-nascida conseguisse se recuperar do luto da irmã, aprendendo a mamar sozinha, e em grande quantidade, para finalmente ganhar peso e alta hospitalar duas semanas depois.

Um caso interessante também para demonstrar também o psiquismo independente do feto é o narrado por Thomas Verny e John Kelly no livro *A Vida secreta da criança*, que influenciou especialistas em muitos países, inclusive no Brasil.

Verny ressalta a influência da mãe sobre o filho em gestação e diz que é preciso estar atento às diferenças. Há emoções negativas passageiras ou acontecimentos geradores de estresse que não vão prejudicar a formação dos elos intra-uterinos da dupla. Mas há outras fortes, no campo da rejeição. “O perigo existe, quando ele (o feto) se sente rejeitado pela mãe ou quando suas necessidades físicas ou psicológicas são sistematicamente ignoradas”, enfatiza ele.¹¹

Verny conta o caso do bebê Kristina que lhe foi relatado pelo Dr. Peter F. Freybergh, professor de obstetrícia e ginecologia da Universidade de Upsala, na Suécia.

Kristina era um bebê robusto e comportado que revelou um estranho comportamento: recusava-se a mamar no seio da mãe. Aceitava mamadeira ou o seio de outras mães, mas não queria nada com o alimento materno.

O Dr. Peter, indagando da mãe a razão de tal comportamento, recebeu um “não sei” como resposta. Ela dizia não saber o motivo. Quando, porém, Dr. Peter foi mais incisivo na pergunta : “*Mas você desejava realmente esta gravidez?*” Ela esclareceu: “*eu queria abortar, mas meu marido desejava esta criança, então, mantive-a*”.

“*Isto era novidade para Peter, mas obviamente não o era para Kristina*”, comenta o Dr. Verny. E acentua:

“*Ela havia percebido há muito tempo a rejeição de sua mãe e recusava-se a formar a ligação com esta, após o nascimento. Afeetivamente rejeitada no útero, Kristina, com apenas quatro dias de vida e inteiramente dependente, estava firmemente decidida a rejeitar sua mãe.*” E concluiu:

“*É provável que, com tempo, amor e paciência, a mãe de Kristina ganhe, de novo, a afeição da criança. Mas esta já existiria se a ligação tivesse sido formada antes do nascimento*”, concluiu.¹²

Como e quando Kristina “soube” da rejeição? Os pesquisadores não têm ainda todas as respostas. Sabe-se, no entanto, que, desde o zigoto, existe a comunicação fisiológica ou biológica intensa, entre os dois seres, intermediada por hormônios, neurotransmissores, substâncias do sistema de defesa etc.; tudo devidamente registrado pela extraordinária capacidade de memorização do embrião, desde a formação da célula-ovo.

Por esses e outros dados, a Dra. Joanna Wilhelm afirmou, com justa razão:¹³ *“Se conceituarmos inteligência como a capacidade para autogerir-se mentalmente; adaptar-se e adequar-se a situações novas; selecionar condições e aproveitar experiências – o que implica aprendizado e memória –, podemos concluir que de fato elas estão presentes no feto desde o período inicial da gestação”*.

Por tudo isso, concluímos que existe uma individualidade no feto que não pode ser marginalizada como se fosse a massa amorfa de um tumor que se pudesse extrair por decisão da mulher.

5. O feto teria memória antes da formação do cérebro?

Em meados da década de 1980, a neurocientista Candace Pert¹⁴ e colaboradores, no National Institute of Mental Health, em Maryland, realizaram pesquisas com neurocondutores e os resultados causaram verdadeira revolução conceitual. A Dra. Pert identificou um grupo de neuropeptídeos – moléculas fabricadas pelo Sistema Nervoso –, que permitem o diálogo

entre os sistemas nervoso, imunológico e endócrino. Ela chegou a esses resultados, realizando o mapeamento através de moléculas radioativas, o que lhe permitiu rastrear as ações nas diferentes partes do organismo.

O sistema nervoso, constituído do encéfalo e da rede de células nervosas espalhadas por todo o corpo, é a sede da memória, do pensamento e da emoção. O sistema endócrino, formado pelas glândulas endócrinas e os hormônios, é o regulador do organismo, integrando as várias funções somáticas. O sistema imunológico, que abarca o baço, a medula óssea, os nódulos linfáticos e células imunológicas que circulam no corpo, é o sistema de defesa do organismo, responsável pela integridade dos tecidos, controle e cura das feridas, restauração dos tecidos e combate aos ataques à economia orgânica. Pois bem, as pesquisas da Dra. Pert demonstraram que estes sistemas estão interligados, formando uma única rede psicossomática. Constatou-se que cerca de 60 a 70 desses neuropeptídeos, antes somente conhecidos como hormônios, neurotransmissores, endorfinas, fatores de crescimento, etc., constituem o principal meio de veiculação de informações dentro do cérebro e do corpo, contando para isso com receptores específicos. Estes estão espalhados na superfície de todas as células, transformando o corpo-cérebro em um único sistema de comunicação interacional.

É preciso enfatizar, portanto, que o corpo-cérebro representa o substrato físico da memória – ou mente – que, além deste, conta ainda com um outro, imaterial, a informação que

circula dentro dele. A memória, assim, está espalhada pelo corpo todo e expressa-se por outras vias que não aquelas comumente relacionadas.

A partir desses estudos, é possível compreender que, além dos vários tipos de memória comumente considerados: recente, antiga, semântica, autobiográfica, afetiva, perceptiva, motora, de reconhecimento, de recordação etc., há os registros embrionários, inclusive a “memória celular”. Neste último caso, é preciso considerar os registros mnemônicos (*imprints*) das experiências vividas pelas duas células reprodutoras básicas – espermatozóide e óvulo – que trazem, assim, um patrimônio de “memórias” para o zigoto ou célula-ovo. A descoberta da memória celular com o mapeamento de 60 neuropeptídeos que estocam informações imunológicas, endocrinológicas e neurológicas, fazendo circular informação em todo o corpo, entusiasma os especialistas, que têm agora, não só importantes explicações para melhor compreensão das patologias de sua área de atuação, como também perspectivas maiores de ampliar os recursos terapêuticos.

Esses resultados indicam, claramente, a potencialidade extraordinária de uma única célula – o zigoto ou célula-ovo – , que traz em si mesma um patrimônio considerável de força, vitalidade e criatividade.

Por essas experiências da Dra. Candace Pert, constatamos que a memória independe de sistema nervoso perfeitamente estruturado e funcionante, porque já existem dezenas

de neuropeptídeos circulando, desde o início da embriogênese. Por exemplo, em um embrião de 7 semanas, já se detecta a presença de endorfinas, uma dessas substâncias que faz o diálogo entre os sistemas nervoso, endocrinológico e imunológico. Mesmo no anencéfalo, feto que possui somente parte do córtex ou apenas o diencéfalo, cérebro ligado à função inconsciente, vegetativa, estes neuropeptídeos já circulam, desde o começo da gestação, ainda que de forma imperfeita.

Ainda com relação à memória há um outro contexto da investigação. A psicoterapia transpessoal já detectou o armazenamento, na fase adulta, de lembranças que ocorreram muito no início da vida intra-uterina e que, sob hipnose, o indivíduo é capaz de resgatar. Muitos bebês rejeitam suas mães ao nascerem por guardarem lembranças desagradáveis da vida intra-uterina, como o pensamento de rejeição ou a tentativa de aborto, conforme tivemos oportunidade de ver no caso do bebê Kristina.

Para concluir este resumo sobre a memória, queremos lembrar um dos grandes paradoxos da Biologia Molecular, que ainda está para ser decifrado pelos neurobiólogos, o da renovação perpétua das moléculas do sistema nervoso, em contraposição ao armazenamento da memória por 80 anos ou mais da vida do indivíduo. Com a breve duração das moléculas que compõem as sinapses do sistema nervoso, fica difícil explicar, com a teoria reducionista materialista, a persistência da memória por décadas a fio.

O mesmo já não acontece se recorrermos às hipóteses explicativas de Rupert Sheldrake e Hernani Guimarães Andrade, uma vez que a memória ficaria armazenada no campo imaterial estruturador da forma, independentemente, da matéria física, cuja característica é a da renovação constante.

6. O acaso explicaria a origem da vida?

A partir deste ponto, o debate sobre o aborto provocado nos leva a um nível ainda mais profundo. Pois o mistério da complexidade do feto é o mistério da própria vida, de modo que temos de nos debruçar sobre esse tema fascinante se quisermos responder por completo à pergunta: “Onde começa a vida?”

Não há dúvida de que o assunto “origem da vida” é bastante complexo, mas é indispensável tocar nele, quando se pretende descobrir o real significado da existência humana. Não será possível desenvolvê-lo mais amplamente, aqui, como o fizemos em *O Clamor da Vida* (NOBRE, 2000), apenas tocaremos em alguns pontos relevantes para o encaminhamento da discussão.

A teoria darwiniana não pode explicar suficientemente todo o processo evolutivo, isto é, o surgimento da vida. A teoria do acaso tem sido a maneira fácil de retratar a ignorância sobre o assunto. Em *O Acaso e a Necessidade*, um dos seus defensores Jacques Monod, sustenta a idéia: ensaios, erros e acertos teriam levado as primeiras moléculas ao pleno desen-

volvimento; a evolução poderia ser compreendida como um jogo: de um lado, haveria a intervenção das mutações no material genético dos seres vivos; de outro, a seleção natural, tal como a concebeu Darwin.

No entanto, François Jacob,¹⁵ que compartilhou o prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1965, com Monod, destrói o argumento da casualidade. Em *La Logique du Vivant* (*A Lógica do Ser Vivo*), ele demonstra que o tempo e a aritmética se opõem a essa evolução patrocinada por microeventos, com as mutações acontecendo cada uma ao acaso: para se extrair de uma roleta, golpe a golpe, cada uma das 100 mil cadeias protéicas que compõem o corpo de um mamífero seria preciso um tempo muito superior àquele da duração do sistema solar, segundo os cálculos da própria ciência, o que, por si só, elimina a tese de que a vida possa ter surgido por acaso.

Outro cientista que demonstra a impossibilidade de ater-se ao acaso para explicar a transformação de átomos em corpos humanos é Michael Behe, professor-adjunto de bioquímica da Universidade de Lehigh, Pensilvânia, EUA, autor do instigante livro, *A Caixa Preta de Darwin*, que faz críticas à teoria darwiniana, e apresenta a sua própria, a Teoria do Planejamento Inteligente.

“Dizer que a evolução darwiniana não pode explicar tudo na natureza, não equivale a dizer que a evolução, a mutação e a seleção natural não ocorram”, ressalta ele, reconhecendo que ela constituiu um grande avanço conceitual.¹⁶

Coloca-a, no entanto, em xeque, demonstrando, ao estudar a macroevolução, a impossibilidade de explicar-se, através da seleção natural e das mutações aleatórias, os grandes saltos evolutivos, como, por exemplo, o que ocorreu no período cambriano, com o aparecimento de uma fauna e flora luxuriantes, em contraste com o longo silêncio dos períodos anteriores. Na verdade, esses longos períodos estáveis são a norma, de modo que as súbitas transições não podem ser explicadas pelas mutações aleatórias da teoria darwinista.

A tentativa de Stephen Jay Gould e Niels Eldredge com a teoria do Equilíbrio Pontuado para explicar esses períodos muito breves de grande explosão de novos animais e plantas, em meio a outros, em que milhões de anos transcorrem, sem grandes mudanças, é obrigada a socorrer-se do acaso criador, transformado assim em um deus. Outro embasamento não possui a teoria Neutralista do geneticista Motoo Kimura (*The Neutral Theory of Molecular Evolution*) ao pretender explicar as flutuações estatísticas aleatórias (ou desvio genético): elas ocorreriam também “ao acaso”. Na mesma linha de pensamento, reconhecendo que a teoria darwiniana tem falhas, o matemático Stuart Kauffman (Teoria da Complexidade) socorre-se da hipótese do acaso, ao afirmar que os fundamentos do ser vivo podem surgir espontaneamente através da auto-organização, uma maneira de eludir a dificuldade.¹⁷

Michael Behe comenta que nenhum dos dois, nem Kimura nem Kauffman, explicam como as estruturas bioquími-

cas específicas surgiram. No caso da teoria de Kauffman, ficam de fora todos os aspectos específicos dos organismos, porque ele os reduz à categoria de símbolos matemáticos, manipulando-os em seguida. Mas “*a natureza é lixiviada*”, acentua Behe. De fato, a matemática é instrumento poderoso, mas “*útil à ciência apenas quando os pressupostos com que inicia a análise são verdadeiros*”.¹⁸ A teoria de Kauffman seria, assim, uma ilusão, insuficiente como as explicações de Darwin e de Dawkins acerca dos sistemas bioquímicos complexos.

7. Seria casual o arranjo das partes de uma célula?

Aos que continuam ainda aferrados às forças cegas do acaso, Michael Behe pede explicações científicas quanto à formação de estruturas complexas, tais como o olho humano, o cílio ou flagelo; a coagulação sangüínea etc. É preciso que os defensores dessas forças dêem uma descrição detalhada, passo a passo, do processo pelo qual a mutação aleatória e a seleção natural foram capazes de construí-las ao longo de bilhões de anos de evolução. Não vale apenas dizer que isto se deu por acaso, é preciso que se demonstre, através de explicações bioquímicas genuínas quais foram e como se uniram os componentes dessas estruturas.

Até agora, o seu pedido não obteve nenhuma resposta plausível.

Ao contrário dos apologistas do acaso, Behe concluiu, tomando por base o espantoso progresso das pesquisas, que a

célula obedece a uma programação e afirma, corajosamente, que os cientistas não têm mais como se omitir: o ser vivo só pode ser explicado pela Teoria do Planejamento Inteligente. Do estudo bioquímico da célula, diz ele, vem um grito de certeza: “*Planejamento!*”, nela existe o “*arranjo intencional das partes*”.¹⁹

Enfim, não há como fugir: a investigação da célula deixa claro o planejamento. A questão volta-se toda para o planejador. Muitos acham que “*não constitui boa ciência oferecer o sobrenatural como explicação de um evento natural*”. Em realidade, a interferência do acaso, como força criadora e organizadora, seria mais sobrenatural do que agente inteligente desta ordem.

Behe não vê razão para o temor de que as explicações sobrenaturais derrotem a ciência: “*O compromisso filosófico de alguns indivíduos com o princípio de que nada existe além da natureza não deve ter permissão de interferir em uma teoria que flui naturalmente de dados científicos observáveis*”.²⁰ Respeitemos as conquistas da ciência – aconselha –, porque sobreviveremos a todas as suas mudanças conceituais tal como já o fizemos no passado.

Outros pesquisadores também já estão convencidos de que as explicações com fundamento na casualidade são absolutamente insatisfatórias.

M. Schutzenberg afirma que é preciso “*ter uma fé quase cega na teoria darwiniana para acreditar que apenas o acaso pode-*

*ria ter produzido na linhagem dos pássaros todas as modificações necessárias para transformá-los em máquinas voadoras altamente eficientes. Ou que as mutações aleatórias teriam levado à linhagem de mamíferos depois da extinção dos dinossauros – dado que os mamíferos estão muito longe dos dinossauros ao longo do caminho que conduz dos peixes aos répteis”.*²¹

Lynn Margulis, professora emérita de biologia da Universidade de Massachusetts, ecologista, escritora, afirma que o neodarwinismo é fundamentalmente falho, porque está baseado no paradigma reducionista, e acentua que a história acabará por julgá-lo uma “*pequena seita religiosa do século XX, dentro da fé religiosa da biologia anglo-saxônica*”.²² Margulis tem também uma hipótese explicativa para a evolução: em lugar da competição e da luta, propostas por Darwin, o progresso na escala filogenética dar-se-ia, através de cooperação e simbiose. Nesse caso, os organismos se ajudam, conjugam forças, e realizam juntos o que não podem fazer separados.

O que temos visto é que o ser vivo é um mistério para os cientistas, embora eles não gostem de confessá-lo publicamente. De onde vem esse desânimo? O que há de verdade sobre as origens? Sabe-se muito pouco, apesar dos esforços exaustivos de cientistas notáveis, a maioria deles justamente condecorados com o Prêmio Nobel, pela excelência de suas produções, em suas áreas de especialização.

Francis Crick, um dos descobridores da dupla hélice de DNA, morto recentemente, diante do mistério das origens,

declarou: “Um homem sensato, armado de todo o saber à nossa disposição hoje, teria a obrigação de afirmar que a origem da vida parece atualmente dever-se a um milagre, tantas são as condições a reunir para viabilizá-la”.²³

De fato, um estudo desapassionado revela que a vida dança no fio da navalha: se uma das constantes físicas universais, por exemplo – a velocidade da luz, a constante gravitacional ou a de Planck – tivesse sido submetida, na origem, a uma alteração ínfima, o Universo não teria tido nenhuma chance de abrigar seres vivos e inteligentes. Este simples fato deveria alertar os defensores das teorias embasadas no acaso quanto à existência de um projeto, de uma finalidade no Universo. Se fossem mais humildes, perceberiam a imensa sabedoria por detrás de tudo isso e o tamanho da nossa ignorância em abarcá-la e reconhecê-la.

8. Quantas enzimas o acaso colocaria dentro de uma célula?

A vida é um fenômeno tão complexo que os especialistas ainda não conseguiram chegar a um consenso para defini-la. E é exatamente esta complexidade que nos permite rejeitar a tentativa de explicá-la mediante o acaso. E a esta tarefa se tem dedicado grupos de pesquisadores a partir dos extraordinários avanços da biologia molecular que lhes tem permitido devassar a intimidade da célula, demonstrando a incapacidade das teorias do acaso explicarem o fenômeno vida.

Nesse sentido, encontramos o livro *Deus e a Ciência*, escrito pelo filósofo Jean Guitton e dois doutores em Física teórica, Igor e Grichka Bogdonov.

Tomemos um caso concreto relatado por Grichka Bogdonov.²⁴

Uma célula viva é composta de uns vinte aminoácidos que formam uma cadeia compacta.; esses aminoácidos, para funcionarem, dependem de cerca de duas mil enzimas específicas. Biólogos e matemáticos calcularam a probabilidade de que mil enzimas diferentes, portanto a metade do necessário, pudessem juntar-se ao acaso, de modo ordenado, para formar uma célula viva ao longo de uma evolução de bilhões de anos: a probabilidade de que isto viesse a acontecer é da ordem de 10 elevado a 1.000 contra um. Uma impossibilidade estatística: a vida, portanto, não pode ter surgido por acaso.

Daí concluir Igor Bogdanov²⁵ que a aventura da vida desde as formas primárias até as mais elevadas conduzem à admissão de um princípio organizador que as conduzisse através de uma escada ascendente. Há, portanto, “um fenômeno de ordem subjacente” que conduz inelutavelmente ao surgimento da vida. O Grande Planejador de Behe é a Sublime Consciência do Universo – Deus –, que estaria por trás dessa ordem subjacente. Ele seria o Supremo despenseiro da Vida.

Isso nos leva a concluir que a vida é, sim, um bem outorgado, indisponível, inalienável, que transcende os limites estreitos da matéria.

9. Por que ordem a partir da desordem?

Desde os filósofos gregos, tomamos conhecimento do movimento perpétuo dos átomos, mas só no século dezenove ele foi confirmado, sendo também chamado de agitação térmica, apresentando-se, de modo geral, completamente desordenado. Eles movem-se, vibram, rodopiam, colidem, naturalmente, sem que necessitem de nenhuma força motriz para isso. Nos organismos vivos, porém, os átomos abandonam esse movimento caótico natural, e passam a ter um comportamento ordenado. Não deixa de ser impressionante, como observou E. Schrödinger²⁶, a capacidade do organismo vivo de concentrar um “fluxo de ordem” para si mesmo e escapar, dessa forma, de decaimento no caos atômico – de “absorver ordem” de um ambiente conveniente.

Ao contrário, portanto, do que ocorre com a matéria inanimada, o Universo do vivente é caracterizado por um grau de ordem crescente: enquanto o Universo físico caminha em direção a uma entropia cada vez mais elevada, o vivente percorre, de certo modo, a corrente contrária, para criar cada vez mais ordem.

Por que razão o ser vivo surge, assim, como uma estrutura ordenada no seio do caos?

Segundo a visão reducionista, a explicação estaria na constituição da molécula orgânica que possui um número muito grande de átomos; com a cooperação entre eles, as leis estatísticas começam a operar e a manter um controle sobre o com-

portamento desses conjuntos, passando o movimento a ser ordenado. É o que acontece com toda a expressão de vida até hoje conhecida na Terra, que se baseia em uma ou duas centenas de unidades – as chamadas “moléculas da vida” – os aminoácidos e os nucleotídeos –, que contêm entre 10 e 100 átomos. Sem dúvida, a constituição da molécula orgânica é importante, mas, por si só, não explica a complexidade da vida, razão pela qual a célula é “lixiviada”. E mais ainda, o organismo vivo tem um modo específico de organização, nele, o ser e o fazer são inseparáveis.

Com a impossibilidade de se explicar a vida através do paradigma cartesiano – que reduz o funcionamento de um sistema complexo como o do ser vivo às propriedades de suas partes – especialistas introduziram na biologia, nas primeiras décadas do século XX, o pensamento sistêmico. Para estes, os organismos seriam descritos por seus elementos químicos, mais relações organizadoras. Desse modo, os seus componentes estariam relacionados à maneira de rede; tudo o que acontece num ponto dela influenciaria o conjunto. Surgiu assim, em contraposição ao reducionismo, a teoria da auto-organização, fundamentada, principalmente, nas idéias de Maturana e Varela, Gregory Bateson e Prigogine, associadas às da matemática da complexidade, de Kaufmann.²⁷

Embora tenha trazido esclarecimentos importantes, esta teoria não oferece, todavia, nenhuma pista aceitável quanto à transição do inanimado para o animado.

Uma outra teoria bem antiga é a do vitalismo, que preconiza a presença de uma estrutura imaterial no ser vivo, responsável por sua estrutura ordenada no seio do caos e pelo armazenamento de todas as suas experiências. Embora a maioria dos pesquisadores a rejeite, para os que a aceitam, chamados atualmente de neovitalistas, ela permanece como única explicação plausível.

10. Por que a vida obedece a convenções?

Além de gerar ordem, o ser vivo obedece a convenções inexplicáveis que denunciam um princípio diretor que não o acaso. Na intimidade dos átomos, os elétrons promovem ligações entre eles – ligações covalentes –, possibilitando, assim, a construção de moléculas mais duráveis. Além desta convenção, há uma considerada universal: a dos aminoácidos “esquerdos”, isto é, que possuem quiralidade esquerda, e a dos açúcares “direitos”, de quiralidade direita.

Entende-se por quiralidade a propriedade geométrica que caracteriza a não identidade de um objeto em relação à sua imagem no espelho. A mão direita e a esquerda são exemplos de objetos quirais, antípodas um do outro (imagens um do outro no espelho). A respeito desse arranjo, Cairns-Smith indaga: *“O fato de esta simples convenção ser universal constitui uma das características mais singulares da unidade da bioquímica. Qual terá sido a origem deste acordo?”*²⁸

Abdus Salam, notável físico que, juntamente com Steven Weinberg e Sheldon Glashow, obteve o Prêmio Nobel de Física em 1979, pelo trabalho sobre a unificação da força eletromagnética com a nuclear fraca (força eletrofraca) acredita que a resposta esteja na Sabedoria de Deus, que criou a força organizativa da vida. Suas pesquisas demonstraram *“que os aminoácidos de quiralidade esquerda e os açúcares de quiralidade direita são muito mais estáveis que as moléculas de quiralidades opostas”*, sendo essa a razão pela qual a natureza escolheu unicamente esse tipo de arranjo vital.²⁹ Salam acredita que a força eletrofraca é de origem divina, e que Deus criou a partícula Z₀ para fornecer quiralidade às “moléculas da vida”.

O físico Grichka Bogdonov comenta a respeito dessas forças e afirma que o acaso não pode explicá-las. *“Por exemplo, existe na química um princípio hoje conhecido pelo nome de “estabilização topológica de cargas”. Essa “lei” implica que as moléculas que comportam, em sua estrutura, cadeias de átomos em alternância (especialmente o carbono, o nitrogênio e o oxigênio) formam, ao se reunir, sistemas estáveis. De que sistemas se trata? Estes elementos nada mais são do que as peças fundamentais que compõem a mecânica do vivente: os aminoácidos. Sempre segundo a mesma lei de afinidade atômica, eles vão reunir-se, por sua vez, para formar as primeiras cadeias desses preciosos materiais de vida que são os peptídeos”*.³⁰

E há ainda mais convenções e mais incógnitas: como os genes aprenderam a se copiar? Como se dá a ligação gene-proteína? Enfim, é preciso que se explique como se dá o perfei-

to entrosamento entre o *hardware* e *software*, a razão da escolha exata do alfabeto de aminoácidos e do conjunto de correspondências entre as letras de aminoácidos e as palavras de ácido nucleico – o código genético.

Para isso, é preciso lembrar uma outra “lei” inscrita na matéria que permitiu o prodígio da reprodução. Vejamos como a explica o físico Igor Bogdanov: “os aminoácidos mais polares (isto é, os que comportam uma carga eletrostática elevada) são espontaneamente atraídos por moléculas nitrogenadas, enquanto os menos polares agregam-se antes a outras famílias, como a da citosina. Assim nasceu o primeiro esboço do código genético: ao se aproximar de certos nucleotídeos (e não de alguns outros), nossos famosos aminoácidos elaboraram lentamente os planos de sua própria construção, depois os instrumentos e materiais destinados a fabricá-los”.³¹

Estas operações poderiam ser produzidas pelo acaso? Um acaso mais inteligente do que a inteligência humana? Como um jogo de loteria poderia explicar a vida e a própria inteligência do homem? A palavra mistério com que muitos investigadores procuram esconder a própria ignorância sobre a origem da vida não resolve o problema. É um modo apenas de escamotear a verdade: o acaso não pode explicá-la.

Nos elementos infinitesimais que compõem a célula, nas chamadas nanoferramentas, há ordem a partir da desordem, entrosamento perfeito de informações incrivelmente complexas e produtividade total, incomparavelmente superior à mais

organizada das fábricas terrenas. Esta constatação levou Paul Davies a escrever: “O milagre da vida não é que ela seja feita de nanoferramentas, mas que essas diversas partes minúsculas estejam integradas de um modo altamente organizado”.³²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inventário minucioso do fenômeno vida levou-nos invariavelmente à mesma conclusão: A vida é uma concessão, um bem outorgado, do qual não se pode dispor.

O fato é que o ser humano nem de longe, nem de perto, “fabricou” moléculas da vida. Nunca conseguiu, nos tubos de ensaio, utilizando as condições prebióticas, a síntese de ribossomos, proteínas, nucleotídeos, enfim, de substâncias químicas básicas que entram na fórmula do ser vivo. Isto só vem reforçar a certeza da existência de uma Inteligência Superior na base do planejamento da vida, que não consegue ser entendida ainda dados os poucos recursos da inteligência humana.

Diante de um organismo vivo, a questão básica é esta: Quem tem o direito de eliminá-lo? O médico? A mãe? O pai? O Estado? Do ponto de vista ético, quem deve decidir se um ser vive ou morre?

Fernando de Magalhães, ilustre jurista de nosso país, responde, com convicção, “o embrião é um sujeito de Direito e pelo Código Civil todo sujeito de Direito é uma pessoa, é um indivíduo, é alguém. E pelo Código Penal, matar alguém é crime”.³³

Este é o ponto de vista da Ciência também.

O embrião, portanto, não pertence à mãe, ao pai, ao juiz, à equipe médica, ao Estado. Pertence, exclusivamente, a ele mesmo, porque a vida lhe foi outorgada, é um patrimônio intrínseco, inerente à sua condição de organismo humano vivo. Mesmo no caso do feto anencéfalo, é crime, porque o fenômeno vida não é da alçada humana, a não ser para salvá-la ; para eliminá-la, jamais.

Aprendemos, com a genética, que a diversidade é a nossa maior riqueza coletiva. E o feto anômalo, mesmo o portador de grave deficiência, como é o caso do anencéfalo, faz parte dessa diversidade. Deve ser, portanto, respeitado. Reconhecemos que a mulher, ao gerar um feto deficiente, pode precisar de ajuda psicológica. Mas uma mulher que abortar intencionalmente encontrar-se-á em situação muito pior, carregando o complexo de culpa a carecer ainda mais de ajuda psicológica. Isto é algo que os defensores do aborto nunca comentam, mas é comum e traz muito sofrimento. Trata-se da depressão que surge, geralmente, à época da menopausa, tendo como causa o complexo de culpa por aborto praticado. Hanna Wolff, analista junguiana, entre outros psicoterapeutas, constatou, ao longo de sua experiência como terapeuta, essa ligação muito próxima entre aborto e depressão: *“É precisamente a facilidade com que, hoje, é possível abortar, a causa das depressões de tantas mulheres na idade da menopausa. Aquelas que antes eram as primeiras a defender o direito de ‘gerir o próprio corpo’, vemos-as, depois, prostradas em sua própria infelicidade. A psique não conse-*

*guiu superar a barbárie do aborto. É que, sobre isso, os nossos legisladores nada entendem, e muito menos os tais ‘especializados’ a que estes mesmos legisladores recorrem para resolver o assunto”.*³⁴

Não se pode deixar de aplaudir o extraordinário esforço desenvolvido pelas clínicas de Medicina Fetal que realizam, rotineiramente, graças aos avanços da tecnologia, intervenções cirúrgicas intra-uterinas, com vistas à cura de doenças que poderiam se agravar ou tornarem-se irreversíveis, após o parto. Já não podemos concordar quando elas aconselham às mães o abortamento no caso de anomalias fetais.

Constatamos, com pesar, que setores do Governo, do Judiciário, e da sociedade têm incentivado, de forma contundente, a legalização do aborto em nosso país. Esperamos que esta triste hipótese não venha a se concretizar, contudo, é impossível deixar de imaginar como seria a aplicação da prática abortiva às camadas mais pobres de nossa população, tendo em vista a insuficiência de leitos até mesmo para as nossas gestantes. Diante dessa situação, não seriam as clínicas particulares as mais interessadas na legalização? E seria razoável empregar o dinheiro arrecadado com os impostos para sustentar clínicas comprometidas com a morte e não com a vida, em evidente distorção da verdadeira missão da Medicina? Não seria muito mais lógico empregá-lo em campanhas educativas maciças sobre maternidade e paternidade responsáveis, com a implantação efetiva e permanente de um programa de planejamento familiar?

Esperamos, com toda sinceridade, que o bom-senso e o verdadeiro espírito de fraternidade prevaleçam nas decisões dos legisladores de nosso país, porque é certo que tudo aquilo que um povo coloca na Constituição, como lei máxima a reger-lhe os destinos, isto mesmo recolherá da Justiça Divina – Instância Superior à qual todos nós estamos subordinados.

Por tudo quanto vimos, fica evidente, para nós, que aqueles que se envolvem, qualquer que seja sua profissão, na causa pró-aborto, estão contribuindo, de forma efetiva, para o crescimento da violência no mundo.

Marlene Rossi Severino Nobre*

* Presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil e da Associação Médico-Espírita Internacional.

-
1. *A linguagem dos Genes*, cap. 15.
 2. *O Que é Vida*, pp. 32 e 33.
 3. *O Gene Egoísta*, cap. 3, Espirais Imortais.
 4. Acompanhe o raciocínio de Jared Diamond na conferência em Dublin, no livro comemorativo das palestras de Schrödinger: *O Que é Vida?*, *50 Anos Depois*, cap.4, p. 54 e seg.
 5. Veja *Seven Experiments That Could Change the World*, pp. 21 a 58 e *Uma Nova Ciência da Vida*.
 6. Ver *Espírito, Perispírito e alma* cap.IX, pp. 216 e 217.
 7. *Dieu, existe-t-il? Non...répondent*, François Jacob.
 8. *L'Embryon Humain, est-il humain?*, p. 13, 1ª ed. Presses Universitaires de France, 1996.
 9. *Do Feto à Criança*, cap. 3, pp. 115 a 133.
 10. Veja os importantes livros da Dra. Myriam Szejer, entre eles: *Palavras para Nascer: A escuta psicanalítica de bebês em maternidade: nove meses na vida da mulher*.
 11. *A Vida Secreta da Criança Antes de Nascer*, cap. 4.
 12. *A Vida Secreta da Criança Antes de Nascer*, cap. 4.
 13. *O Que é Psicologia Pré-Natal*.
 14. Veja as referências sobre esse trabalho feitas pela Dra. Joanna Wilhelm em *O Que É Psicologia Fetal*, p. 57 e *A Caminho do Nascimento*, pp. 152 a 158 e as do físico Fritjof Capra em *A Teia da Vida*, cap. 11.
 15. Entrevista no livro *Dieu? Existe-t-il? Non... répondent*, p. 20.
 16. Acompanhe o raciocínio de Behe em *A Caixa Preta de Darwin*, Parte III, cap. 8 , p 179.
 17. *A Caixa Preta de Darwin*, Parte III, 8, p. 179.
 18. Citado por Michael Behe em *A Caixa Preta de Darwin*, Parte III, cap. 8, p. 182.
 19. Acompanhe o raciocínio de Behe em *A Caixa Preta de Darwin*, Parte I, pp. 24 a 34; Parte III, cap. 9 e 10.
 20. *A Caixa Preta de Darwin*, cap. 11, p. 253 e 251
 21. Citado por Ervin Laszlo em *Conexão Cósmica*, cap. 7, p. 93.
 22. Lynn Margulis é citada por Michael Behe, *A Caixa Preta de Darwin*, Parte I, cap 2, p. 35 e 190.
 23. Citado por Igor Bogdanov, *Deus e a Ciência*, p. 49.
 24. *Deus e a Ciência*, O Mistério do Vivente, p. 49.
 25. *Deus e a Ciência*, cap. O Mistério do Vivente, p. 4.
 26. Ver comentário de E. Schrödinger em *O Que é Vida*, cap. 7, p. 88.

27. Ver F. Capra em *A Teia da Vida*, cap. 7, p. 136.
28. *As Sete Pistas da Origem da Vida*, cap. 6.
29. *Em Busca da Unificação*, p. 54.
30. *Deus e a Ciência*, O Mistério do Vivente, pp. 50 e 51.
31. *Deus e a Ciência*, O Mistério do Vivente, p. 52.
32. *O Quinto Milagre*, Prefácio, p. 19; cap. 4, p. 115 e cap. 1, p. 32.
33. *Aborto e Contracepção*, Celso Cezar Papaleo.
34. *Jesus Psicoterapeuta*, p. 111.

Associação Médico-Espírita do Brasil – AME

Av. Pedro Severino Jr., 325 – Jabaquara

04310-060 – São Paulo – SP

Telefones: (11) 5585-1703 e 5585-1977